

“Se lutar é violência, por que a igreja do bairro ensina o jiu-jítsu?”

Luiz Alberto dos Santos

O presente trabalho foi realizado no primeiro semestre de 2019, com duas turmas de segundo ano do Ensino Fundamental I, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Correia, localizada no distrito do Jardim Helena, em São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo.

No início do ano letivo¹ dialogamos com as turmas acerca do que haviam estudado nas aulas de Educação Física do primeiro ano. As respostas giraram em torno de diferentes brincadeiras e danças.

Para dar continuidade às nossas conversas, na aula seguinte levei imagens de práticas corporais presentes no entorno da nossa escola, a fim de identificar com quais as crianças tinham contato, ou não. Ao observarmos as imagens das lutas, a turma foi logo questionando por que havia imagens que “mostravam violência”. De pronto, Alice disse que lutar não era violência, pois ela já havia praticado jiu-jítsu em uma igreja próxima à escola. Ao término da fala da Alice, fiz uma pergunta à turma: “se lutar é violência, por que uma igreja ensina jiu-jítsu?”. Algumas crianças arriscaram que seria para ajudar as pessoas a se defender, mas a maioria não sabia o que dizer, e duvidavam que a Alice estivesse falando a verdade, já que para elas, igreja não seria lugar para ensinar a lutar. Importante salientar que todas as aulas eram registradas em meu caderno de campo para dar prosseguimento às ações.

Partindo desses questionamentos, defini o jiu-jítsu como prática corporal a ser tematizada. O passo seguinte foi elencar as expectativas de aprendizagem² que norteariam as ações que seriam realizadas:

- Identificar aspectos nominais e factuais do jiu-jítsu;
- Compreender a estrutura do jiu-jítsu, seu funcionamento e os discursos que conceituam luta e violência.

1 Nosso ano letivo de 2019 iniciou-se no dia 11 de março, pois, participamos do movimento de greve contra mudanças propostas pela prefeitura de São Paulo acerca da previdência do/a servidor/a municipal.

2 Cabe explicar que a rede municipal de São Paulo tem como currículo oficial o *Currículo da Cidade*, que se alinha à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Porém, para esse trabalho apoiiei-me nas *Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem*, documento municipal publicado em 2007, por dialogar melhor com a concepção de Educação Física que me constitui enquanto professor.

Com isso posto, organizamos coletivamente as vivências do jiu-jítsu partindo das explicações da Alice sobre as aulas que fazia na igreja Bola de Neve e da manifestação em si. Perguntei à turma se poderia convidar crianças da escola que também tinham experiência com o jiu-jítsu para nos ajudar nas vivências, o que foi aceito imediatamente. Conversamos também sobre as crianças usuárias de cadeiras de rodas³ do 2º A e as crianças que não queriam participar de ambas as turmas, por dizerem que a luta era violenta ou por não gostarem de lutar. Combinamos que elas ajudariam em outros momentos, como na observação e no auxílio de como a queda/golpe era realizado, na colocação dos quimonos, na organização das lutas, quando as mesmas eram realizadas, sendo sempre convidadas a opinar a respeito de como estávamos realizando as ações e dar sugestões aos colegas.

Importante mencionar que em várias ocasiões fizemos leituras de vídeos que pudessem nos ajudar nas dúvidas que iam surgindo nas diferentes vivências, como: nome das quedas, novos golpes, objetivos do jiu-jítsu e como realizar a luta.



As crianças também ensinaram umas às outras a vestir o quimono. Segundo elas, não se pode vestir o quimono⁴ de qualquer jeito.

3 O Kauan e o Felipe não podiam ser retirados de suas cadeiras. O Felipe tem um comprometimento maior que o Kauan, mas percebemos sua interação por meio do riso/grito, já o Kauan dizia não gostar de luta, mesmo assim participava nas vivências e diálogos em sala ou na quadra.

4 Os quimonos são parte do material de Educação Física de nossa escola.



Como combinado com as turmas, crianças de outras salas nos ajudaram a entender como aplicar alguns golpes do jiu-jítsu, demonstrando e fazendo com cada pessoa que quis vivenciá-los.



Antes das vivências, organizadas coletivamente com as turmas, construíamos listas com as crianças que gostariam de lutar. A turma também decidiu o tempo de cada combate, podendo ser por dois minutos, finalização ou a desistência. Durante a construção das listas, as meninas disseram que queriam lutar com os meninos e ninguém se opôs. Ao longo dos combates, tampouco foram emitidos comentários sobre o assunto. Meninas e meninos lutaram, meninas e meninas, e meninos e meninos, sem qualquer acontecimento que merecesse nossa atenção.



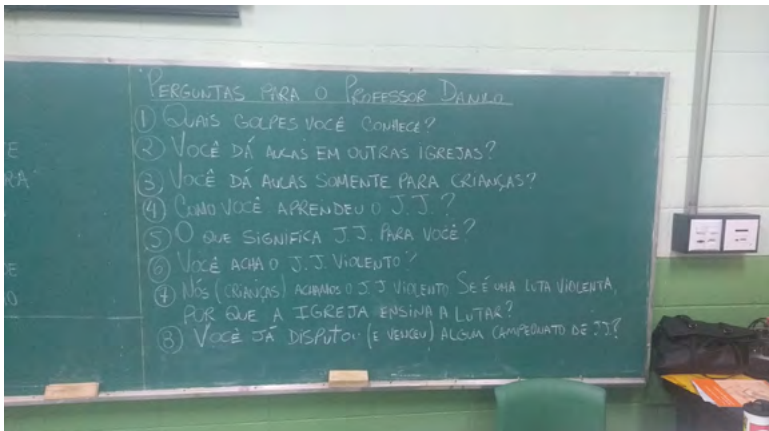
Para discutir com as turmas sobre luta e violência, levei algumas imagens⁵ e debatemos sobre o que seria luta e violência. Nessa altura da tematização, o jiu-jitsu ainda era visto como violento para grande parte das crianças. Numa imagem que representava o UFC, por exemplo, a turma identificou a violência, mesmo que as características analisadas correspondessem àquelas que configuram as lutas.

Na imagem de um casal discutindo, muitas crianças reconheceram elementos semelhantes aos conflitos familiares que presenciavam, em função de problemas variados. Expliquei à turma que algumas pesquisas apontam o Brasil como um dos países do mundo em que mais se mata as mulheres. A Ana, do 2º ano A, disse que isso se chama "feminicídio". Como muitas crianças não sabiam o que significava essa palavra, ela falou que é quando o homem mata a mulher. Toda a turma repudiou, dizendo ser contra esse tipo de coisa.

Na imagem da conversa em uma rede social onde duas pessoas discutiam, a turma não considerou a situação violenta, pois não havia contato entre as pessoas. Aproveitei a oportunidade para perguntar se a violência era algo somente físico. Lembrei que podemos sofrer ou cometer a violência verbal, onde as pessoas podem xingar as outras e, até mesmo, ameaçá-las de morte, tal como a imagem observada.

5 As imagens tratavam de uma luta do UFC, pessoas brigando na rua, um casal discutindo, torcidas de futebol brigando, uma discussão em rede social.

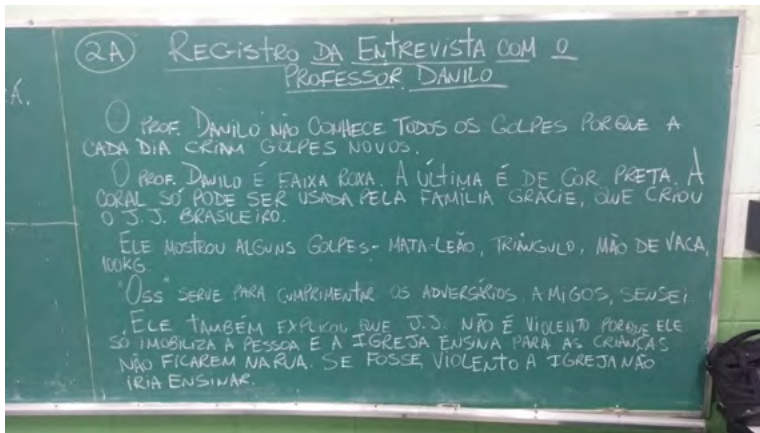
As atividades transcorriam com tranquilidade quando me dei conta que a surpresa de algumas crianças com o fato da igreja promover aulas de luta tinha ficado para trás e ainda não havia sido devidamente abordada. Combinei com as turmas que procuraria a igreja para podermos compreender melhor o porquê de um local, tido pelas crianças como de "paz, amor, alegria, luz, felicidade e oração", poderia ensinar uma luta e contribuir para "tornar as pessoas mais violentas". Consegui o contato e convidei para uma conversa com as crianças, o professor de jiu-jítsu Danilo. Ele é o responsável pelas turmas de jiu-jítsu na igreja. Gostou da ideia de poder contribuir com o trabalho e se colocou à disposição para ajudar. Então, na aula seguinte, elaboramos coletivamente as perguntas que seriam apresentadas ao professor Danilo, para que pudéssemos esclarecer as dúvidas que foram surgindo no decorrer do estudo.



No dia da entrevista, as crianças conheceram um pouco mais da história da luta e alguns golpes que ainda não tinham observado. A questão da violência também foi discutida com o convidado e, por fim, as crianças lhe apresentaram a principal pergunta. Segundo o professor, a igreja trabalha com o jiu-jítsu de forma social, para ajudar crianças carentes a encontrar algo que lhes dê maior disciplina e para que elas ocupem seu tempo com a luta, não ficando na rua. Ainda, segundo ele, se a luta fosse violenta, a igreja jamais a ensinaria às pessoas, principalmente às crianças.



Na aula seguinte, registramos a atividade e as crianças retomaram o que haviam compreendido das falas do professor Danilo.



Para finalizar o estudo e analisar os caminhos e ações realizadas junto às turmas, propus registros variados, para que as crianças desenhassem ou escrevessem sua compreensão sobre o jiu-jítsu. Também filmamos algumas crianças que deram depoimentos acerca do que haviam compreendido do estudo. Analisando esses materiais, observei que a leitura de imagens sobre a violência não tiveram o efeito que pensei que teriam. A entrevista com o professor Danilo trouxe às crianças uma representação de jiu-jítsu atrelada

ao esporte enquanto "inclusão social", mas que não ficou presente nos registros e nas falas das turmas, mas contribuiu para que olhassem a luta de forma não violenta, podendo ter esse significado dependendo da pessoa que a pratica.

